

## **Roteiro de Trabalho – 3º / 4º e 5º ano**

### **Expressividade: O caos de cores da expressão corporal de resistência em um mundo “tecno-cinza”.**

Professor Eumar André Köhler  
Professor Mauricio Priess da Costa

#### **Introdução:**

Desde as mais antigas tribos, a música e a dança já fazem parte da crítica social, expondo de maneira hilária e descontraída (e as vezes dentro de uma violência que é contida e sublimada na própria arte) questões muito sérias sobre hierarquia e poder. Engana-se quem imagina que povos antigos dançavam apenas em rituais e cerimônias. A vida na tribo é movimentada e não existe movimento sem ritmo.

É por isso que neste roteiro de trabalho, vamos nos dedicar às mais variadas linguagens e expressões populares possíveis. Música, dança, teatro, expressão corporal, mímicas, pantomimas, jogos, brincadeiras. O foco não será a técnica em si, ou mesmo a prática corporal, mas as ligações histórico-sociais que esta prática tem com os povos que as criaram. Suas histórias, seu desenvolvimento. Vamos nos concentrar mais no “por que?” do que no “como”. Por que essas comunidades criaram determinada expressão? Se desenvolveu em contraponto ao quê? Enfrentou que tipo de obstáculos a fim de disseminar e perpetuar a cultura de seu grupo? Para responder essas perguntas vamos pesquisar principalmente culturas de resistência como contrafogos, visto que as culturas hegemônicas estão aí, pasteurizadas, acinzentando as culturas populares, refletindo-as apenas como objetos de consumo. Aqui, vai ter, brincadeiras tribais, dança ritual, baladinhas, RAP, teatro, e o que mais for necessário para entendermos as nuances das culturas populares explicadas por elas mesmas.

Apresentamos, neste breve relato, um itinerário para introdução a dança através do Breaking e do Hip-hop. Como são expressões culturais que fazem sentido para as crianças, ainda fazem parte de seu universo, as danças urbanas podem servir de base para a introdução da linguagem na escola. Através de um diálogo com as danças próprias da juventude como o funk passinho e as danças de jogos eletrônicos, busca-

se adaptar as danças diversas aos diversos corpos !

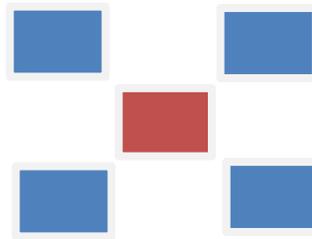
### **Etapa 01 – A dança das crianças.**

Aqui é possível usar as músicas das próprias crianças. Muitas delas já consomem música e já podem auxiliar inclusive com passinhos cada vez mais populares nas mídias sociais. Peça uma seleção de músicas na turma: em um papel as crianças escrevem o nome das músicas, de cantoras e cantores ou mesmo pedaços da canção para que possam ser analisadas quanto ao seu conteúdo, garantindo que não ofendam ninguém! Deixe que a turma decida algumas músicas, que apresentem alguns passinhos, mesmo que esta etapa demore mais do que uma aula. Aprenda com eles e elas, geralmente as crianças têm algo a mostrar e é importante que elas se sintam à vontade com suas escolhas e saibam que fazem parte equânime do processo ensino-aprendizagem.

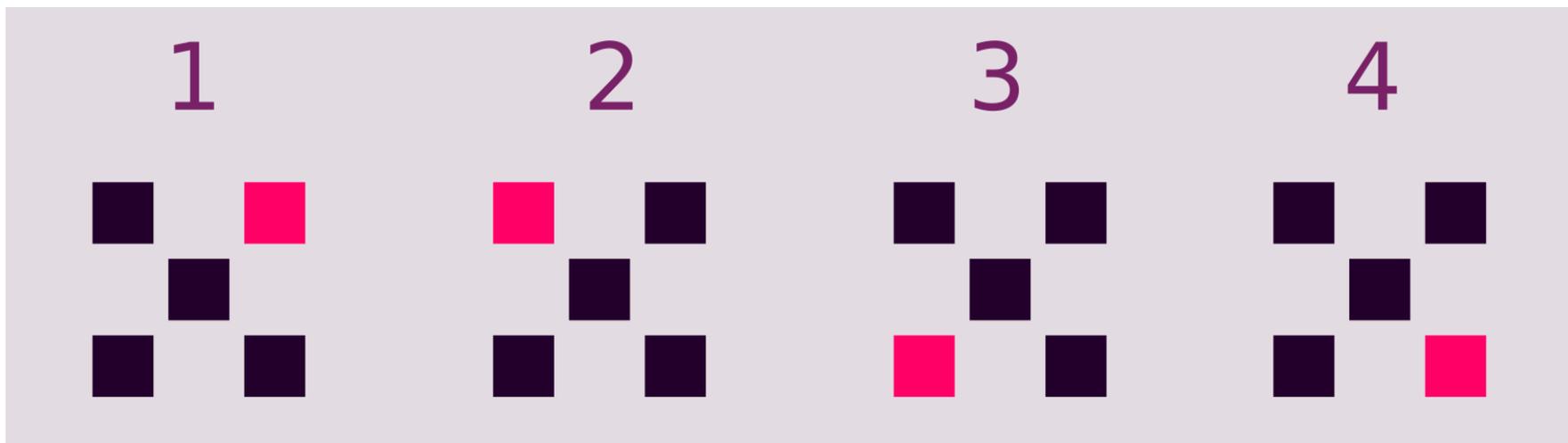
### **Etapa 02 – Hip-hop / Breaking**

Iniciaremos aqui, a mostrar como as culturas populares são meta linguísticas referenciando e influenciando umas as outras. O Rap e o repente, o break e a capoeira, o grafite e o muralismo mexicano, são formas de expressão de classes sociais oprimidas e que decidem expressar de forma própria, sua realidade. É o discurso mostrando e exaltando a diferença. Assim, mesmo que o hip-hop seja indivisível em suas formas artísticas começamos pelo breaking, que vai nos oferecer uma série de contra pontos trabalhados diretamente no corpo, através de sua expressão.

Para facilitar a introdução de uma prática tão alienígena no chão da escola, utilizo um método muito interessante, baseado em máquinas de jogos eletrônicos: com um giz, as crianças desenham cinco quadrados no chão na seguinte disposição:



O aluno recebe um giz, e desenha o mesmo esquema no chão (da sala, da quadra, do pátio). A posição inicial é mostrada no esquema em vermelho e marca onde o aluno deve ficar inicialmente. Professoras e professores então, montam pequenas frases coreográficas, com no máximo 8 tempos, simplesmente pisando em quadradinhos diferentes em uma ordem estabelecida, para que os alunos assimilem e internalizem o ritmo binário e as contagens de 8 tempos, que são um padrão dentro das músicas modernas. Em seguida, os alunos são separados em grupos e cada grupo monta uma frase coreográfica de 8 tempos, apresentando para as demais crianças. Por exemplo:



Esse padrão ajuda alunos e alunas a estabelecerem ritmos corporais com passos simples e que evitam a exposição. Todxs aprendem diluidamente, coletivamente. Os quadradinhos no chão ajudam fornecendo um “trilho” no qual as crianças podem relaxar e se concentrar em

outros elementos da dança que não passos pré estabelecidos. Depois de aprendidas as bases rítmicas das músicas contemporâneas, é hora de aprender um pouco sobre as categorias e movimentos próprios do break. E isso será feito de duas formas: as **rodas** e as **baladinhas**.

## **Etapa 02 - Jogos de interpretação – Argila e artesã**

Para finalizar utilizaremos mais alguns jogos de interpretação a fim de problematizar a improvisação e espontaneidade. Por exemplo Argila e Artesã, na qual as crianças se dividem em dois grupos, um desses grupo representa um bloco de argila enquanto o outro é a artesã que vai esculpir a argila. As crianças argila fecham os olhos e as artesãs vão fazer suas estátuas. Depois de montadas as poses através do toque (artesãs e artesãos não podem falar nada), as artesãs voltam para o seu lado da quadra e fazem a mesma pose da estátua que construíram. As argilas então abrem os olhos e devem adivinhar, através do esquema corporal e da visão, quem foi a sua artesão ou artesão. Esses jogos são importantes pois evocam a figura do palhaço, muito importante para nossa próxima etapa:

## **Etapa 03 – Passinhos**

Aqui entra a experiência pessoal de cada docente. Hora de colocar em prática a liberdade corporal. Como a essência das danças populares é a expressão e não a apresentação, seus métodos de ensino e transmissão visam adaptar os passos e as técnicas ao corpo de cada pessoa, para que todas possam participar, cada uma do seu jeito. É um método mais de compartilhamento do que de ensino-aprendizagem propriamente dito. Hoje nós experimentamos a pedagogia das ruas.

Coloque, então, uma música que tenha sentido para a turma, algo que as crianças gostem e consumam. Em cima do ritmo da batida da música, estabeleça passos simples para que as crianças acompanhem. Abrir e fechar as pernas, deslocando-se para os lados; um passo para frente, outro para trás; caminhar de lado cruzando as pernas. Enfim, existe uma miríade de passinhos que podem ser adaptados livremente para quase qualquer música, o importante não é o encaixe, mas o sentido. Depois, coloque músicas que você gosta de dançar, com os mesmo passinhos, mostrando que a dança também é intergeracional e atemporal.

Esse exercício fornece subsídios expressivos e culturais que formam **fundamentos**, uma base para que a criança possa criar em cima depois, com suas próprias ideias e experiências. Em uma roda de dança, ou numa festa, os movimentos não precisam ser coordenados com o de

outras pessoas, uma vez que não estamos realizando uma apresentação - os movimentos podem ser coreografados, desde que o fluxo do baile assim deseje, mas é algo que acontece lúdica e espontaneamente. Assim, a ideia não é nem mesmo a de uniformizar um ritmo, mas o de deixar claro para alunos e alunas, que suas danças pertencem única e exclusivamente a seus corpos e que as técnicas devem fundamentar mais do que estruturar ou definir a expressão.

### **“Avaliação” - Rodas e Baladinhas.**

As avaliações nas aulas de educação Física são constantes e procedurais, acontecem a cada aula. Todavia, as rodas e baladinhas servem mais como uma auto avaliação, na qual a criança pode desfrutar de um ambiente livre para testar suas capacidades e as coisas que aprendeu durante as aulas. Não existe apresentação, não existem nem mesmo público para o qual se apresentar. Existe apenas a música, o espaço e o conhecimento para ser colocado em prática. Tanto nas rodas quanto nas baladinhas, as crianças dançam se querem e como querem e são raros os casos de alunos e alunas que não dançam de forma nenhuma, sempre rola um movimento, nem que seja só a cabeça balançando, e isso já está ótimo se for feito por vontade própria.

O hip-hop não exige performance, ele exige atitude. Assim promoveremos várias rodas durante esta etapa, além disso, o hip-hop é peculiar por usar da festa e da diversão, do lúdico para se propagar, ele nasce em festas e baladas nas comunidades carentes, e através da diversão traz a discussão política da sociedade. Por esse motivo, organizaremos uma das aulas mais divertidas deste momento, as baladinhas.

As Baladinhas e rodas, são uma proposta de autoria das próprias professoras e professores da rede municipal de ensino, que acredito ser bastante avançada dentro da educação física escolar. Além de lúdica, ela oferece um ambiente saudável, no qual as crianças podem se expressar corporalmente sem nenhum tipo de julgamento, tanto por parte de colegas quanto por parte de professores e professoras e agentes da comunidade escolar. Essa aula permanente consiste em uma sala, de preferência com pouca iluminação, um som com músicas escolhidas pelas crianças e filtrada por professores e professoras, um conjunto de luzes para ficar mais divertido e só. A professora, ou professor apaga as luzes, solta as músicas, e observa as crianças se divertindo ludicamente com as técnicas, bases e passinhos que aprenderam durante as outras aulas. Não existe feedback, não cabe, pelo menos no sentido burocrático, nenhum tipo de avaliação a não ser a autoavaliação do corpo. Neste momento, a criança se expressa do jeito que quiser, desde que não oprima nem ofenda outras crianças. As crianças que não quiserem dançar,

não devem ser forçadas. Deixe que observem o ambiente e comecem por si a balançar o corpo e, aos poucos entrar na brincadeira despreocupadamente.

As Rodas também conhecidas como *Cyphers*, são a essência das danças urbanas e populares. Acontecem há muito tempo e representam espaços de produção, expressão e troca de informações, métodos, políticas, e muitas outras coisas. São parte fundamental deste itinerário são ao mesmo tempo lugar de disputa e de troca, de embate e de celebração. Além de conter a ação da dança, coloca participantes e espectadores em um mesmo patamar: não há uma “quarta parede” separando artista da plateia, estão e uníssono e o foco na apresentação só acontece com quem entra na roda.

As crianças formam um círculo e a música começa a tocar. As crianças podem performar a dança que quiserem no centro da roda. A professora ou professor também pode arriscar alguns passinhos que desenvolveu durante o planejamento, ou que aprendeu com as próprias crianças. ;) A rodas são livres, só entra quem quer; são um desafio e uma auto avaliação. Funcionam melhor, depois que as crianças já tem um repertório para lançar na performance, mesmo que poucas no início. Com a sedimentação da cultura da Roda durante o itinerário traçado pela professora ou professor, vai atraindo mais gente, vai ficando mais interessante e vai apresentando uma nova concepção de dança para as crianças. Que, na verdade, não são nada novas; tem milênios de conhecimento cultural, metodológico e, por que não, filosófico, carregados em seus trejeitos e métodos de transmissão. Uma expressão mais livre e menos estruturada. Mais autônoma e menos rígida. Não se pretende formar atletas de determinada dança. Como nos antigos bailes Black, ou nas novas rodas de break, a ideia é mais produzir que reproduzir. Ser protagonista do seu próprio saber através da professora e do professor, não à partir delas e deles.

Enfim, estes são alguns pensamentos e algumas ideias para contribuir de forma prática, mas carregada de teoria e experimentação. São ideias já postas em movimento e que, mesmo desafiadoras, tem apresentado excelentes resultados. As crianças brincam a dança: se divertem, riem, ridicularizam, ridicularizam-se, aprendem, desconstroem, voltam a brincar de dançar. O aprendizado é mútuo, uma vez que a dança está presente no universo infantil. Sempre estive, basta observar atentamente e entender as linguagens corporais próprias de uma geração radicalmente diferente. Não é necessário nem mesmo se adaptar a esses trejeitos juvenis, mas dar liberdade para que sejam nutridos, e para que entendam o lugar da sua própria linguagem na multiplicidade e na diversidade de expressões, respeitando e sendo respeitada e respeitado. É Nós!

